

# Progressão Continuada: Espinha Dorsal da Política Educacional

*Gabriel Chalita*

*Secretário da Educação do Estado de São Paulo*

(Transcrição da apresentação gravada durante o seminário)

Gostaria de cumprimentar o professor Francisco Carbonari, presidente do Conselho Estadual de Educação, nosso grande parceiro; doutora Mariléia Viana, chefe de gabinete; professor Élcio, coordenador da CEI; professora Neuza, coordenadora da COGSP; professora Vera Wey, coordenadora da Cenp; professora Leila Iannone, diretora de projetos especiais da FDE; Roberto Augusto Torres Leme, presidente da Udemo (Sindicado de Especialistas de Educação); professor Palmiro, presidente do Centro do Professorado Paulista (CPP); representantes de entidades, dirigentes de ensino, educadores.

Gostaria de me desculpar se algum outro presidente de entidade já chegou e não foi citado.

Agradecer, primeiro, aos dirigentes das nossas 89 Diretorias de Ensino, que têm feito o extraordinário trabalho de percorrer a escola, de conversar com a população, de tentar levar a visão de um processo educativo que seja o mais democrático possível. Que possamos estar sempre abertos ao diálogo, porque a educação é processo e enquanto processo ela se faz à medida que a sociedade participa. Processo educativo não se dá, apenas, na sala de aula. Se dá na vida. E, quanto mais existe esse diálogo com a sociedade, mais fácil fica a construção da educação dos nossos sonhos.

Agradecer aos educadores, às universidades que estão presentes.

Agradecer às entidades ligadas ao magistério, pela maturidade de um diálogo aberto; pela paciência em esperar, muitas vezes, respostas a algumas inquietações que são nossas, mas, como sabemos, o processo de governo tem certos trâmites que demoram alguns momentos para a sua execução. Estamos o tem-

po todo tentando essa aproximação, cada vez maior, com as entidades, com os educadores, sem medo de discutir Educação. Afinal de contas, somos todos apaixonados por ela e isso faz com que vibremos na mesma intensidade.

Para falar um pouco sobre progressão continuada, eu queria começar com duas reflexões, uma literária e outra filosófica, para que pudéssemos entrar no caminho pedagógico, educacional.

A filosófica, queria lembrar uma peça teatral de Jean Paul Sartre que, talvez, alguns de vocês já conheçam, chamada A Prostituta Respeitosa. Sartre, nessa memorável obra, narra a história de uma mulher, uma prostituta, que está em sua casa quando chega a polícia e lhe pede que depo-nha contra determinada pessoa que teria tentado estuprá-la. A polícia insiste para que ela assine uma declaração, insiste impiedosamente, quase que a obrigando a fazer isso, e ela até se lembrava dessa pessoa que eles queriam incriminar, mas se recusa a fazê-lo. Os policiais tentam intimidar a mulher, mas ela resiste e diz que morreria, mas não mentiria. Ela respeitava suas próprias convicções e não iria traí-las em hipótese nenhuma. Poderiam bater nela, prendê-la, fazer o que quisessem com ela porque, mesmo assim, não denunciaria alguém que nada lhe fizera.

Depois de muita insistência, chega uma outra personagem que insiste da mesma forma. Queria que ela incriminasse a tal pessoa, um negro. Aliás, Sartre traz o problema da discussão racial nesta obra. E, ela não aceita fazer isso. De repente, chega um senador da república. O senador bate à porta e entra, com a mesma intenção. A prostituta, revoltada com aquele que estava querendo obrigá-la a declarar alguma coisa que não era verdade, confirma que não faria isso. Então o senador diz:

- Não faça mesmo. Não minta. Não faça o que você não quer fazer e ninguém vai obrigá-la a fazer algo que você não quer fazer. Ninguém vai obrigá-la a assinar alguma coisa na qual você não acredita.

E ela, até surpresa com aquele tipo de consideração do senador:

- Ah!, ainda bem que alguém me entende.

Aí, ele toma um café e, ao se despedir, fala:

- Que pena! Uma mulher vai sofrer muito, porque o filho dela vai ser incriminado de uma ação. Mas, não faz mal. A vida é assim mesmo.

- Mas, por que ela vai sofrer?

- Porque imaginavam que, se você acusasse outra pessoa, que até é um malfeitor, que fez coisas horrendas, ficariam mais tranquilos e essa velhinha dormiria em paz. Aliás, essa velhinha disse que você é como uma filha para ela.

- Mas, por que ela disse isso? Eu nem tenho mãe!

- É. Mas, não fique triste. As pessoas morrem de tristeza. E ela vai morrer de tristeza.
- Não. Não quero que ela morra de tristeza.
- Ela até iria lhe mandar flores.
- Flores, para mim?

E aquela prostituta começa a ficar em dúvida de dizer ou não dizer que alguém que não tentou estuprá-la tivesse agido dessa forma. E toda a sua carência faz, num determinado momento, seduzida pelo senador, com que ela assine aquele termo, dizendo que alguém tentou estuprá-la (o que não era verdade). E, no momento em que o senador sai, ela se arrepende de ter feito aquilo. Mas, a sua carência fez com que agisse dessa forma.

Sartre continua a obra, que é belíssima, e todas as nuances da escritura sartriana mostram o que significa essa carência e a influência do mundo exterior em algumas convicções.

Depois vem o negro, tenta pegá-la, tenta compreender ("Por que você fez isso?"), inquieto, porque ele não era culpado de nada. Volta aquele filho do senador, enfim... a trama prossegue, mas o elemento central de Sartre que eu gostaria de trazer para a nossa reflexão era apenas esse convencimento feito pelo senador à prostituta.

Dostoiévski, em Memórias do Subsolo, fala de uma personagem que está andando numa rua e aí alguém é jogado de um bar. E essa pessoa cai da janela do bar na rua. O homem que vinha caminhando vê a cena e resolve entrar no bar para que também pudesse ser vítima desse tipo de ação, porque, talvez, aquele que fora jogado tivesse merecido a atenção de alguém. E ele não merecia a atenção de ninguém. Então, entra no bar. Percebe logo que o agressor era o homem grande que jogava sinuca. Pára em frente ao grandão e tenta incomodá-lo para ser atirado pela janela, também. Só que o grandão não lhe dá a menor importância. Empurra de um lado, empurra de outro; e nada acontece, é como se ele não existisse. Decide então que vai encontrar com esse grandão na rua e enfrentá-lo. Para isso, resolve comprar um terno novo. Ele não tinha dinheiro, mas faz um empréstimo para comprar o terno novo. E todos os dias repete o trajeto que aquele cidadão fazia, para encontrá-lo e enfrentá-lo.

Num determinado dia, depois de alguns meses, ele consegue, enfim, encontrar o tal homem que vinha do outro lado. E ele, com toda sua coragem, vai enfrentar o homenzarrão que não lhe dera atenção, porque passou meses pensando nisso. Só que, no momento que o outro está se aproximando, ele sai da calçada e nada acontece. Então ele resolve uma nova empreitada... E assim, vai a sua vida!

Esse homem também ia sempre visitar um amigo, só que na visita não falava nada com o amigo e o amigo não falava nada com ele. Então chegava, sentava-se em frente ao amigo, e ficava observando o amigo que o observava igualmente. Praticamente não conversavam. Até que,

um dia, houve uma festa de despedida de um outro amigo. Ele escuta a conversa e resolve ir a essa festa, que seria às seis horas, e aí vem a dúvida, semanas antes: "Será que chego às seis horas? Vai parecer que estou ansioso. Talvez, seja melhor chegar um pouco depois. Mas, se chegar um pouco depois, vão dizer que eu fiz isso de propósito, então, talvez, seja melhor chegar um pouco antes, mas se chegar um pouco antes..." E, assim, há toda essa confusão mental dele para saber em que momento deveria chegar. Chega, enfim, às seis horas e o garçom ainda estava arrumando o ambiente. Ele observava o garçom, que ficava de costas para arrumar a mesa, e achava que o garçom estava fazendo isso por causa dele. Por isso o garçom ficava de costas. Quem o garçom pensava que ele era? Aliás, a roupa do garçom já era uma agressão a ele, porque colocou uma roupa parecida, mas não sabia que o garçom estaria com aquela roupa. E começa aquele inferno na cabeça dele para saber por que o garçom estava agindo daquela forma.

Essa personagem vai, num outro momento, encontrar-se com uma prostituta, porque acompanha esses amigos junto com a prostituta e resolve fazer um sermão enorme para ela. E depois convida a prostituta para ir à sua casa. Ele vai embora e fica duas, três semanas, todos os dias ansioso esperando pela prostituta. Ela iria ou não iria? E aquele inferno, na cabeça dele, para saber o que estaria pensando, se falou a coisa correta ou não. Chega, afinal, o dia em que a prostituta vai...

Não vou contar mais para que vocês leiam o livro de Dostoievski. É uma bela obra da literatura.

Mas eu quis começar com essas duas reflexões pelo seguinte: o processo existencialista de Sartre, e a sua inquietação era que o ser humano construísse, de certa forma, sua própria história a partir de um conceito de que a existência é individual. E a existência, ao ser individual, passa, dizia Sartre, por três questões humanas: a primeira delas é a angústia. Angústia de ter que escolher o tempo todo. "O ser humano está condenado à liberdade." E, por estar condenado à liberdade, ele precisa escolher e a escolha é dele mesmo. O segundo elemento da teoria sartriana: o desamparo. Ele não pode estar amparado em ninguém no momento da escolha. Por mais que ele ame seu pai, sua mãe, sua namorada, seu namorado, a escolha é individual. Não é individualista, é individual. E o desespero, terceiro elemento. Ele não pode ter esperanças de que outras pessoas venham solucionar o problema a não ser ele mesmo.

A construção da existência humana significa que, na nossa vida, nós precisaremos sofrer por uma porção de coisas. Passaremos por momentos tumultuados, mas temos que ter consciência da nossa própria existência. É preciso que o ser humano saiba quem ele é e o que ele faz no mundo. Estamos condenados à liberdade. E, por causa dessa condenação, muitas vezes as nossas relações interpessoais se transformam em relações infernais, porque projetamos no outro a nossa felicidade, o nosso sonho, a nossa realização, e o outro acaba não conseguindo suprir aquilo que nós sonhávamos que ele pudesse suprir. Conceito sartriano, de uma outra

peça dele, "Huis-clos" (Entre Quatro Paredes), de que "o inferno são os outros". Por que o inferno são os outros? Porque projetamos no outro a nossa realização.

Dostoiévski, em Memórias do Subsolo, ou nos Irmãos Karamazov, outra fantástica criação literária, tenta mostrar esse subsolo humano, a genialidade do ser humano diante de todas as possibilidades que ele tem na construção da sua história. Essa genialidade que faz com que nós tenhamos atitudes absolutamente imprevisíveis. "Porque nós conhecemos pouco de nós mesmos", dizia Dostoiévski. Nós não imaginamos o que somos capazes de fazer e não fomos educados para fazer o que deveríamos fazer. Somos muito mais condicionados do que educados. Dostoiévski diz que todo caminho deveria ser libertador, consciente, para que nós pudessemos atingir patamares do que há de melhor dentro de nós, que é a nossa humanidade. Nós acabamos condicionados e reproduzindo papéis.

Tanto Sartre quanto Dostoiévski sonhavam com uma educação libertadora que levasse o ser humano a construir a sua própria existência, a partir do conhecimento que ele deveria ter de si próprio, a partir da construção de uma história que pudesse ser individual, embora fosse coletiva. Nós somos animais políticos. Nós somos seres sociais. Talvez, o desafio da educação do nosso Estado ou o desafio da educação do mundo seja como formar esses humanos.

As considerações, os olhares que nós temos neste século XXI, talvez fossem de um tempo em que não houvesse mais a discriminação nem de gênero, nem de classe, nem de raça. Em que as pessoas pudessem conviver pacificamente; em que a arrogância e a prepotência de alguns, o fundamentalismo exacerbado de outros, não impedissem a construção de uma comunidade de paz. Mas, não é isso que estamos tendo. Se, por um lado, os avanços tecnológicos e científicos chegam a nos assombrar, e nos assombram, como é que a humanidade conseguiu evoluir tanto em tão pouco tempo? Como é que a ciência, que a biogenética... (imaginem se estivéssemos discutindo sob o ponto de vista jurídico ou ético a questão da clonagem, por exemplo), como é que a humanidade chegou a se desenvolver tão assustadoramente nesse campo? E, em outro aspecto, no aspecto humano, continuamos na pré-história, ou, talvez, muito pior do que na pré-história.

As relações humanas não são aquelas sonhadas por nós: de respeito, de convivência; de uma visão de que essas múltiplas culturas, ou o conhecimento dessa pluralidade cultural, fizesse com que nos respeitássemos mais um ao outro; fizesse com que tivéssemos uma visão do que significa o mundo no qual estamos inseridos. E, aí, entra um conceito interessante de educação, adotado no Estado de São Paulo, que obedece a uma determinação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e que, de certa forma, faz eco ao que educadores do mundo todo estão dizendo com relação a uma escola que não seja homogênea, mas que seja heterogênea. Uma escola que respeite o tempo de cada um dos seus alunos, o tempo de aprendizagem, o mundo interior, o mundo exterior, e que trabalhe com esse elemento do conhecimento que um professor precisa ter de seus alunos.

Esse processo de educação heterogênea parece uma coisa nova, mas já existia na Grécia Antiga. Estava lá na visão de Sócrates ou de Aristóteles, que comparavam o professor ao médico, dizendo que o médico não pode dar o mesmo medicamento a todos os pacientes, sem antes conhecê-los. Como um professor pode fazer isso com os seus alunos, dar a mesma lição ou dar a mesma avaliação ou dar o mesmo processo a todos sem conhecer cada um deles?

A preocupação de Sócrates era que a aprendizagem fosse significativa. Por que eu estudo isso? Para que eu aprendo isso? Aonde eu quero chegar? Qual é o meu sonho?

Quando Platão dizia que as pessoas erram muito, que são más, é que elas não pensam antes de agir. Não refletem aonde querem chegar. O que eu espero do meu aluno? Qualquer que seja o nível desse aluno. O que eu espero de uma turma de Ensino Fundamental, de Ensino Médio? O que eu espero de um aluno universitário? E de um aluno de mestrado? Que tipo de habilidades eu gostaria que ele desenvolvesse? Que tipos de elementos seriam interessantes que ele trabalhasse? O que eu espero da educação da escola na qual estou inserido? O meu sonho é que os alunos saiam como da sala de aula? E aí, começa a reflexão do porquê eu educo! Qual é o papel da escola? E, talvez, o desafio deste Fórum seja primeiro quebrar paradigmas.

Todas as vezes que nós radicalizamos nosso discurso, qualquer que seja ele, não fazemos dialética. Eu não consegui ouvir o outro lado porque fechei questão. À medida que eu fecho questão, não tem evolução naquele tema. Não é que o tempo todo eu tenha que mudar de opinião. Não. Mas, é estar aberto para ouvir. Se consigo ouvir o outro lado, fica mais fácil o processo educativo do qual eu faço parte. É um processo da vida humana. O mundo vai evoluindo sob o ponto de vista das idéias, à medida que eu esteja aberto a novas idéias, novas reflexões, novos olhares.

Eu, talvez, tivesse alguns conceitos com relação ao adolescente em conflito com a lei que mudaram completamente. Quando fui para a Secretaria da Juventude, comecei a trabalhar com a Febem. As crenças que eu tinha começaram a ser ampliadas, porque a prática nos leva a outra visão das questões e conceitos que nós tínhamos. O tempo todo eu vou evoluindo no contato e no aprendizado com a rede. Ao mesmo tempo, percebo professores extraordinários e educadores apaixonados e envolvidos, pessoas sérias, comprometidas com a causa educacional, que lutam, até, por reivindicações salariais, que lutam por direitos que acreditam que têm (e acho que isso é importante: um governo democrático existe para isso, para que o palco democrático nunca fique fechado; para que o diálogo seja intenso; para que as pessoas falem a verdade). São pessoas absolutamente comprometidas com aquilo que fazem. Por outro lado, existe, talvez, uma minoria, mas que compromete profundamente o conceito educativo que nós temos hoje. Uma minoria absolutamente descompromissada com o que significa Educação.

Eu tenho ido visitar as Diretorias de Ensino e as escolas. É importante visitar as escolas, porque não se faz uma Secretaria no gabinete. Tem que ir aonde o problema ocorre, até para saber se ele existe mesmo, para conhecê-lo, conviver com ele. E tem sido muito interessante. Os profes-

sores, geralmente, são muito receptivos, mas, apenas para citar como um exemplo desse conhecer, quando nossa equipe entrou em uma escola encontramos uma professora um pouco brava, e ela falou, meio malcriada: "Isso aqui só vai melhorar no dia que fulano assumir o governo do Estado". Eu disse: "Pode ser. Por isso que a gente tem um pleito eleitoral". Jamais iria brigar com a professora. Então, um aluno virou e falou assim: "Isso aqui vai melhorar o dia em que os professores faltarem menos, inclusive essa senhora". Ela xingou o aluno: "Dá para você calar a boca, porque tem autoridade na sala". Aí, você observa aquela cena. "Nossa, essa professora é um cabo eleitoral que ninguém gostaria de ter." Com esse tipo de relação com aluno...

Mas, quanto a essa professora, especificamente, eu não penso que ela faça isso por mal. De certa forma, está revoltada com uma série de questões e está com raiva da vida, está com raiva de um monte de coisas, e ninguém dá o que não tem. Talvez uma das grandes questões com relação à progressão continuada seja esse profundo investimento no educador.

Não existe nenhuma teoria pedagógica, nenhum caminho, nenhum rumo, nenhum olhar de educação que dê certo sem o educador, porque é ele que está na sala de aula. Não adianta eu ter a melhor teoria do mundo, conhecer os grandes caminhos ou as grandes correntes, saber de cor o sociointeracionismo, como é que isso se desenvolve se o educador, ou não está preparado, ou não incorporou no seu repertório essa crença. Não acredita naquilo que está fazendo.

Quando eu era aluno de Direito da PUC, chegou um grupo para fazer uma palestra sobre prevenção de drogas. Eram alunos da Universidade mesmo. Entraram na sala onde estávamos tendo aula e pediram para falar. "Claro, fiquem à vontade." Eles falaram um monte de coisas, até foi cansativo. Uma forma inadequada de se falar em prevenção. Mas, quando saíram, o professor, que era um ídolo da turma, disse o seguinte: "Quem vê pensa que maconha faz mal". Virou para o quadro e continuou a dar aula. O que valeu mais? Os quarenta minutos do blabláblá ou essa frasezinha do professor que destruiu aquele projeto ou processo? Porque ele não estava envolvido, ele não acreditou nisso. E não adianta. Se o professor não acreditar, não acontece. Ou, se o professor deturpa o que é colocado... (quando eu digo professor, está estendido para o diretor da escola, que tem que ter uma postura mais democrática, que tem que conhecer os seus alunos; para o funcionário, que, às vezes, conhece mais que o professor, sabe por que o aluno vai mal, a história do pai, da mãe do aluno).

Numa dessas visitas, um professor, até no intuito de agradar, falou assim: "O senhor fala muito poema nas suas palestras e eu estou incorporando isso". E eu: "Nossa, que ótimo. Está trabalhando...?" " 'Tô! Eu estou fazendo com que os meus alunos copiem os poemas, às vezes 30 vezes. Vão decorar". Então, veja, não é por mal. "Aqueles poemas de Mário Quintana, Clarice Lispector", falou. "Tem um trecho, que o senhor fala, da Macabéia, que eles estão copiando e que nunca mais vão esquecer disso". Aliás, vão ficar com trauma da Clarice Lispector...

Mas, essa questão do processo de aprendizagem, de fazer com que seja significativo a partir de uma preocupação que o professor passe a ter com todos os seus alunos, quebrando esse

paradigma seriíssimo da progressão continuada com a seguinte constatação, que é feita por uma parte dos políticos, porque é um discurso fácil de ser entendido: "É possível alguém que vai à escola por quatro anos permanecer analfabeto e passar para a quinta série? Não é possível". E veja que, do ponto de vista demagógico, é um discurso que encontra um eco interessante. "Não é possível." Por quê? Porque ele parte de uma premissa errada. Se alguém vai por quatro anos à escola e continua analfabeto, a pergunta não deveria ser "se ele pode ser aprovado ou não". A pergunta deveria ser: "Por que ele não está aprendendo em quatro anos?" Não é o fato de ter um instrumento de reprovação e valer-me desse instrumento que eu tenha que fazer com que os meus alunos aprendam. Esse é o mito que tem na faculdade, por exemplo.

De repente o professor tem um instrumental de ameaça ao seu aluno. Qual é o instrumental? "Te dou zero; ou você fica quieto ou te dou zero." É um caminho pedagógico, sim. Discutível. Mas, é um caminho de que vários professores se valem. E há outros caminhos, de professores que não têm a menor preocupação com relação a ameaças com esses alunos, porque têm um comprometimento tão grande com o trabalho, com o envolvimento com seus alunos, que não há a menor preocupação em querer dar zero, colocar fora da sala. Eles incorporaram o que significa educar alunos completamente diferentes. Não que isso seja fácil. E vai ser cada vez mais difícil.

Os alunos que nós recebemos são fruto de famílias complicadas; são fruto: de pais alcoólatras, de violência doméstica; de famílias que não têm o menor diálogo. Outros são fruto de pais que se separaram e estes querem fazer tudo pelo filho, então fica um excesso de proteção com relação a esses filhos. São pessoas que trazem um complicador bem grande em qualquer nível.

Nós estávamos numa reunião da PUC, do Conselho Departamental, e os professores comentavam que dar aula na graduação na PUC, em Direito, é uma dificuldade. O exemplo típico é: você entra na sala e fala: "Boa noite!", e eles não respondem. De propósito. "Boa noite, gente." Não respondem. Quer dizer, você já começa... esses alunos são maus? O que você faz com eles? Você xinga, dá bronca? "Já que vocês são mal-educados, tirem uma folha e vamos fazer uma prova. Vamos começar pra ver quem manda, porque obedece quem tem juízo." Pode ser um caminho. Não sei se é o melhor. Cada um vai construindo uma forma de envolvimento desses alunos. Mas, por que eles são assim? Porque eles são complicados mesmo. Esses, talvez, não sejam excluídos socialmente. Mas, são excluídos afetivamente. São filhos que têm tudo e não têm o elemento essencial do seu desenvolvimento. E os pais não estão nem aí pelo processo educativo de seu filho. Quando um pai fala para mim: "É, secretário, você defende a progressão continuada, mas meu filho está há quatro anos na escola e agora eu percebi que ele não está nem alfabetizado". E eu retruquei: "O senhor demorou quatro anos para ver o que o seu filho está fazendo na escola? O seu processo de participação é fundamental!"

Agora, talvez seja preciso desenvolver um diálogo maior com relação a isso, aperfeiçoando, não tem que ter medo de aperfeiçoar. As propostas que estamos sempre recebendo geram comissões para refletir sobre elas.



Educação Física, Educação Artística deveriam ser dadas por professores específicos. Ótimo! Eu concordo com essa tese. Se for a tese da maioria, vamos fazer isso. Sociologia e Filosofia talvez pudessem ser matérias obrigatórias no Ensino Fundamental, Ensino Médio. Apesar da minha crença na liberdade que as escolas possam ter, é preciso que o Estado, o Conselho incentivem a visão de uma escola mais cidadã, mas que sempre vai estar refém desse professor.

Em escolas particulares, nas quais eu trabalhei, quando se pensava em colocar Filosofia, havia receio com o perfil do professor de Filosofia, porque a lacuna na formação de alguns professores nessa área poderia dificultar a construção de caminhos curriculares interessantes, se faltava o perfil adequado.

Eu recebi o maestro Júlio Medalha com uma proposta fantástica de música em escola. E a proposta é incrível realmente. Mas eu digo assim: "São seis mil e cem escolas. Nós conseguimos? Quer fazer experiências em algumas escolas ou a gente consegue esse perfil de professor que o senhor está dizendo?" "Não, aos poucos vai formando... começa formando vinte, trinta, quarenta..." São seis mil e cem. O processo é complexo e requer que as nossas decisões sejam maduras e conscientes. Para isso é preciso ouvir, debater, dialogar de forma responsável.

Eu fico muito triste quando, em termos educacionais, essa questão é usada como bandeira partidária. Favorável ou contrária. Quando se reduz a educação a algum elemento para ganhar um certo tipo de credibilidade, às vezes com propostas absolutamente incoerentes, de políticos com perfil para saberem disso, ou, às vezes, até de representantes de algumas entidades ligadas à educação. Eu acho interessante porque, quando recebemos alguém na Secretaria, o repertório é um, mas quando a pessoa sai e vai falar com a imprensa, tem que falar contra, porque, de certa forma, representa alguma ala que tem que ser contra qualquer coisa. Isso não é Educação. É preciso ter maturidade para ouvir, para rever, mas todos devem ter maturidade nesse processo.

É complicado eu imaginar, por exemplo (e aí tem proposta de todas as ordens), em uma proposta de suspensão por um ano da progressão continuada para ver o que se faz e voltar depois. Há vários tipos de propostas. Vejam. O que significa, sob o ponto de vista pedagógico, suspender um processo, não saber o que acontece nesse período, e voltar? Como ficou o aluno dentro disso?

A responsabilidade do educador, nesse aspecto, precisa transcender a responsabilidade daquele que apenas quer ganhar uma eleição. Mas é preciso ter essa seriedade do que significa estar educando. Uma reportagem do ex-ministro da Educação da Espanha foi publicada no Jornal do Brasil, há umas três semanas, dizendo como se conseguiu mudar o conceito de educação na Espanha. E uma das questões que ele mais destacou na reportagem foi essa responsabilidade, que é preciso ter, sob o ponto de vista de educação, diferenciando isso apenas dentro de bandeiras, mas, dentro de um processo democrático que vai desde avaliação, das questões sobre avaliação, às questões da metodologia sobre projetos, que eles implementa-

ram com tanto sucesso. Para mostrar ao aluno que o que ele aprendia tinha um sentido, tinha um significado; não era uma coisa do outro mundo e que ele jamais iria lembrar depois porque não fora significativa.

Eu falo muito nessa habilidade social e emocional que precisam estar próximas ao processo cognitivo. Um professor falou: "Então não precisa ensinar biologia, matemática..." É claro que precisa. Mas, tem que ser significativo. O exemplo do inglês. Tem inglês da primeira série ao terceiro ano do Ensino Médio. Todo ano começa com o quê? Verbo to be. Alunos saem do terceiro ano sem saber nem o verbo to be. Que aprendizagem significativa é essa? Aprendem matemática da primeira série ao terceiro. "Aprendeu matemática?" "Aprendi. Só não sei conta de dividir de dois algarismos." "Mas, você tem onze anos de matemática." Mas, não foi significativo.

Paulo Freire insistia muito nessa questão: quando não é significativo não é aprendizagem, porque é apenas um dado da memória com o qual eu estou trabalhando naquela avaliação específica que não vai valer para nada. O que é oração subordinada, coordenada, assindética... Só sabe o professor de Português. Por que tantas pessoas têm trauma de Português? Porque começam de forma errada. Não são envolvidos ou seduzidos nesse processo. Isso não pode vir de cima para baixo. A forma de dar aula não pode ser obrigada pelo Estado. Isso precisa ser construído, dialogado, vivenciado. Em termos de Direito: não são as leis que vão melhorar a Justiça no Brasil. É a postura dos profissionais que trabalham com Direito. A mesma lei faz com que o juiz prenda ou não prenda, depende do tipo de formação humana que ele tem; do diálogo social que ele começa a desenvolver. É o ser humano. Essa formação humana é que é fundamental.

Nós vamos ter um evento, esta semana ainda, da Escola Cidadã. Uma reflexão sobre paz nas escolas. O plano de segurança que nós lançamos nas escolas - e os senhores são testemunhas disso -, pouca coisa dele está ligada a investigação, a polícia; a maior parte desse plano refere-se a questões pedagógicas, da cobertura de quadras, o envolvimento esportivo, à abertura das escolas para a comunidade, num diálogo intrínseco que começa a se desenvolver, em que a comunidade começa a tomar conta um pouco da escola, dialogando, sem medo de perder poder, de perder autoridade.

Poder é uma coisa efêmera, mesquinha. O diretor não precisa ter medo de abrir as portas de sua escola para ONGs. É claro que não vai fazer na escola um ativismo o tempo todo, todo dia vai parar a aula porque alguém vem dar uma palestra. Não tem sentido. Mas, essa participação organizada, orientada, pode fazer com que a família, ao participar da escola, experimente um pouco essa vivência educativa que a escola pode ocasionar. Se a gente sonha com uma sociedade menos corrupta, menos violenta, mais ética, mais respeitosa; se a gente sonha que as pessoas respeitem o trânsito, não joguem papel no chão, dêem lugar às outras pessoas, que não queiram levar vantagem em tudo; se a gente sonha que as pessoas sejam críticas, leiam

mais, interajam mais, dialoguem mais, a única alternativa é a escola. Tudo isso sai da escola. Só que esse sonho, essa reflexão e essa preocupação têm que ser levadas em ambientes menores, têm que ser trazidas e traduzidas em efetiva participação dos educadores da rede a essas questões.

Não estou dizendo que a culpa pelo estágio da educação seja do professor. Longe disso. A culpa não é dele. Mas a solução está nele. Está nele dentro de um processo dialogado. Porque é ele que está na sala de aula.

A escola tem a cara do diretor, mas quem está todos os dias na sala de aula é o professor. A prática e a liberdade de atuar são do professor. Por isso, é preciso dar-lhe o instrumental, apoio e incentivo para que ele se valorize, resgate a auto-estima; que encontre elementos internos para fortalecer sua relação com o aluno. Volto a Sartre e a Dostoievski: ninguém dá o que não tem. Se o professor não estiver abastecido, se não estiver com a auto-estima bem desenvolvida, nunca vai conseguir ser um bom professor. Porque não acredita no que está fazendo, nem nele mesmo. Já se acostumou com o pequeno grupo que acompanha o desenvolvimento que ele dá nas aulas e esquece dos outros alunos. Se a unanimidade é burra, então, por que ele vai se preocupar com todos os alunos? O que é um equívoco.

O desafio está, como parceiro mais experiente, em desenvolver esse processo aluno por aluno. A progressão continuada não é boa só por diminuir a evasão escolar, ela a diminui, também. Mas, o conceito da progressão continuada é o fato de que todo mundo pode aprender. E que o processo de aprendizagem não precisa ser o mesmo para todos os alunos. O discurso educação-inclusão que é fundamental faz com que uma escola não fique segregando, discriminando determinado tipo de aluno, mas sim que incorpore a noção de que ele possa aprender na sua própria capacidade cognitiva para aprender. Talvez esse aluno tenha determinadas limitações, não tenha como desenvolver algum tipo de habilidade, mas desenvolve outras. E o professor consegue acompanhar esse processo. Claro, sempre haverá alguma desculpa: "Ah, mas vai fazer isso com quarenta alunos na sala de aula". É, dá para fazer com quarenta alunos em sala de aula. "Vai fazer isso com trinta e cinco". Dá para fazer com trinta e cinco alunos sim.

Visitamos escolas com três mil alunos, o que não é ideal, mas há muita escola com três mil, com dois mil alunos em salas de aula, e o diretor sabe o nome dos dois mil alunos. E é fascinante o envolvimento que ele tem com a comunidade. Às vezes, no mesmo bairro, na mesma rua, uma escola é fantástica e a outra, cai aos pedaços. "Ah, a culpa é da FDE, que não reformou a escola". Ou: "A culpa é da Secretaria", ou "É da CEI". Tudo bem. Vamos ver de quem é a responsabilidade. Mas, se a escola está pichada totalmente por dentro, a culpa não é só da Secretaria. A culpa é distribuída entre todos, porque eu posso desenvolver programas e projetos dentro da escola para transformar esse aluno que é pichador num artista. Para mostrar que ele é um ser pertencente àquela escola. A escola é dele. Quanto mais eu tiver uma atitude

proibitiva com relação à escola, maior será essa relação de destruição com a própria escola. Quanto mais ela for aberta, maior será a possibilidade de participação desses alunos.

Não é possível que exista escola sem grêmios ainda. O grêmios é fundamental. É um elemento que vai levando o aluno à sua capacidade reflexiva e de contribuição àquela escola da qual ele participa. A APM, com uma participação ativa. A comunidade que participa. E explicar sempre. Não ter medo de explicar. Eu tenho insistido muito nisso com os dirigentes: vocês podem falar com a imprensa, podem fazer reuniões à vontade com os pais, fazer seminários para discutir temas; se o dirigente está naquela região é porque nós confiamos nele. Se ele está discutindo, está desenvolvendo uma temática, é porque acreditamos nele.

Tem que sair do gabinete, senão os pais terão sempre uma visão míope sobre o que é educação, sobre o que eles esperam de seus filhos. Os pais, hoje, não sabem o que fazer para educar um filho. Em que idade eu tenho que falar com ele sobre droga? Em que idade eu tenho que falar com ele sobre questões da sexualidade? Não sabe. Talvez a gente não saiba também. É uma discussão conjunta. Agora, sem dúvida nenhuma, a perspectiva de discussão que nós temos nesse tipo de fórum, nesse tipo de reflexão, é ouvir um pouco de universidades, e convidamos pessoas admiráveis que vão falar aqui um pouco do olhar que possuem sobre esta temática, progressão continuada, e educação de uma forma geral.

No debate de hoje podem surgir outras questões sobre as quais seja necessário organizar uma discussão maior, como o Saresp. E as críticas de estigmatização de escolas sobre Saresp. Vamos ouvir essas críticas! Acho que o processo de avaliação é fundamental. Mas, o que fazer com o processo de avaliação também é fundamental que se discuta. Todo mundo precisa ser avaliado. Mas, o que eu faço com os dados que obtenho dessa avaliação? Estar aberto a essas questões para ter uma visão mais democrática de educação, sem medo de discutir esses temas, e conseguir avançar, enquanto educadores, em propostas concretas.

O Fórum é absolutamente livre, mas temos a expectativa de sair daqui com algumas propostas concretas. Se nós falarmos muito do mundo das idéias, "o correto seria isso" e coisas ideais porém impossíveis, não vamos obter agora um fruto produtivo, eficiente e eficaz no nosso Fórum. Se obtivermos alguns pontos reais, que se possam concretizar, a partir de agora, a Educação vai trabalhar esses caminhos para aperfeiçoar, para fazer evoluir o trabalho. Vai ser muito bom para todos nós; para todos aqueles que acreditam que o grande conceito de educação é a formação de seres humanos mais livres, mais equilibrados, mais felizes.

Que a educação faça com que nós não tenhamos a carência que teve aquela prostituta respeitosa, do Jean Paul Sartre. Aquela carência de se seduzir por qualquer coisa, de se enganar por qualquer coisa. De ser um elemento no bando e não ter vôo próprio. Que a educação faça com que esse subsolo, de que dizia Dostoievski, revele o que há de melhor na humanidade. E o que há de melhor não é o tipo de violência, preconceito, radicalismo, discriminação, intolerância e demagogia que se vê no mundo de hoje.

Talvez, o melhor precise ainda ser descoberto por este caminho da educação. Não é possível que o ser humano tenha chegado ao macro e ao microcosmo, tenha chegado a patamares fantásticos e não tenha descoberto a si mesmo.

Espero que vocês possam aproveitar este Fórum para discutir e dialogar e que, ao final dos trabalhos, seja vencedora a Educação do Estado de São Paulo.

